



3 1761 06265582 4

Camillo



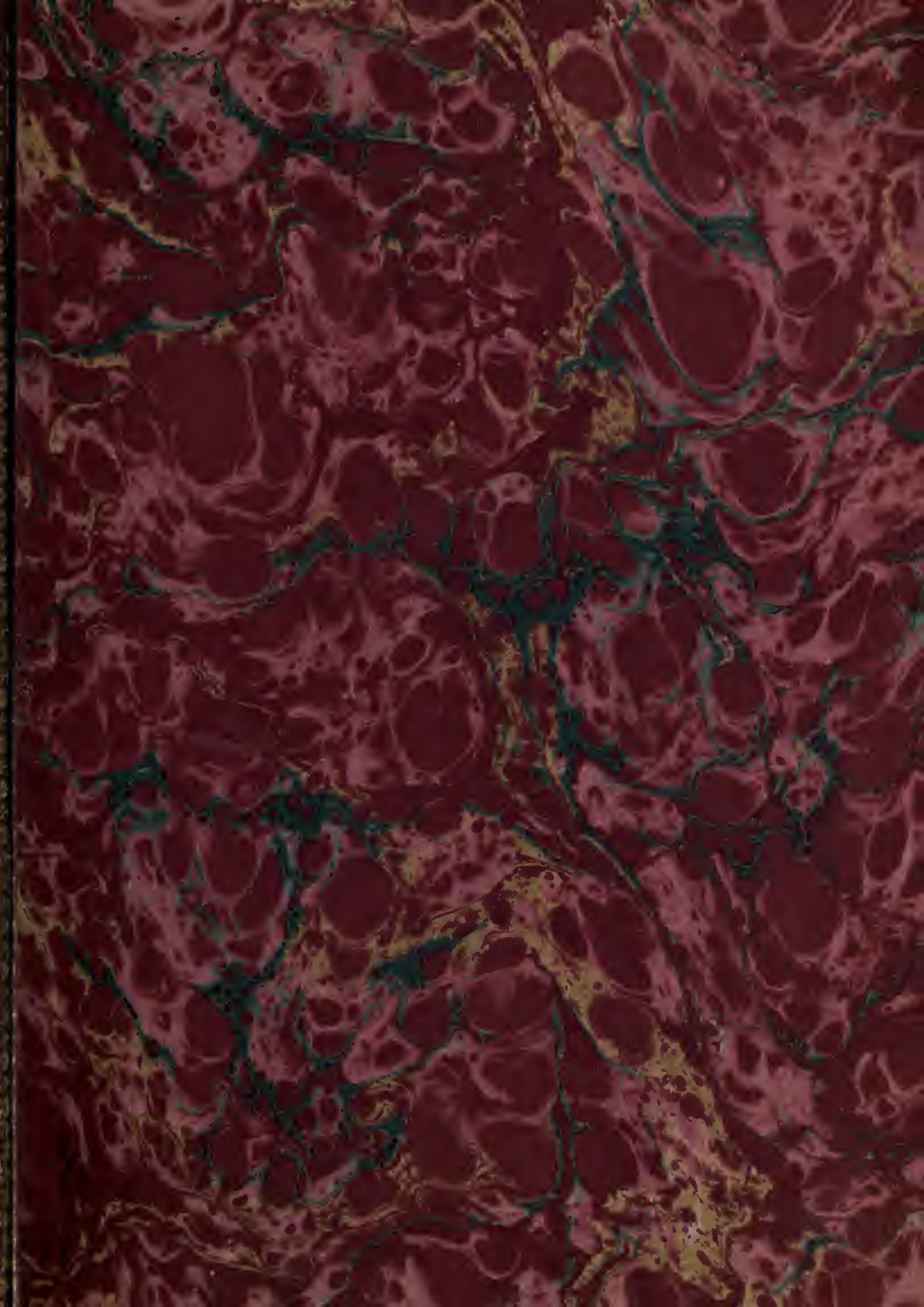
A MAIOR
POR HUMANA





LIVRARIA ACADÉMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. MÁRTIRES DA LIBERDADE, 12
PORTO — TELEFONE, 26988





750.

A MAIOR

DOR HUMANA



A MAIOR DOR HUMANA

Camillo

A MAIOR
DOR HUMANA

COROA DE SAUDADES

OFFERECIDA A THEOPHILO BRAGA E SUA ESPOSA

PARA A SEPULTURA DE SEUS FILHOS

POR

JOÃO DE DEUS

E ENTRETECIDA PELA PIEDADE

DE

Camillo Castello Branco
Bulhão Pato, Luiz Guimarães
Gomes Leal, Candido de Figueiredo
Fernando Leal, Teixeira Bastos, João Diniz
Christovam Ayres, N. de Lacerda, Cyrillo Machado
Henrique Lopes de Mendonça, José de Sousa Monteiro
C. de Carvalho, Álvaro Castellões, D. Maria A. Vaz de Carvalho
A. Azevedo Castello Branco, Joaquim d'Araujo, Alberto Telles, A. Vidal
Alberto Bramão, Fernandes Costa, C. M. Silva, Albertina Paraiso
Alice Moderno, Filinto d'Almeida, J. I. Araujo, Alfredo Gallis
M. Augusto do Amaral, M. J. Dias, A. C. Faria e Maia
Eugenio Moniz, M. Pereira de Lacerda, E. Rebello
João Hermeto, Alfredo Avellar, A. Moraes Pinto
Julio Cesar Machado, J. Cecilio de Sousa
P. Chagas, A. Pimentel, Gomes da Silva
Armando da Silva, F. M. Supico
Guerra Junqueiro

DADA À ESTAMPA

PELA AMIZADE DE

ANSELMO DE MORAES

1889

PORTO
IMPRESA PORTUGUEZA
Rua do Bomjardim, 181
—
1889



THEOPHILO

FALLECIDO COM TREZE ANNOS DE EDADE

(7 de Dezembro de 1886)

MARIA DA GRAÇA

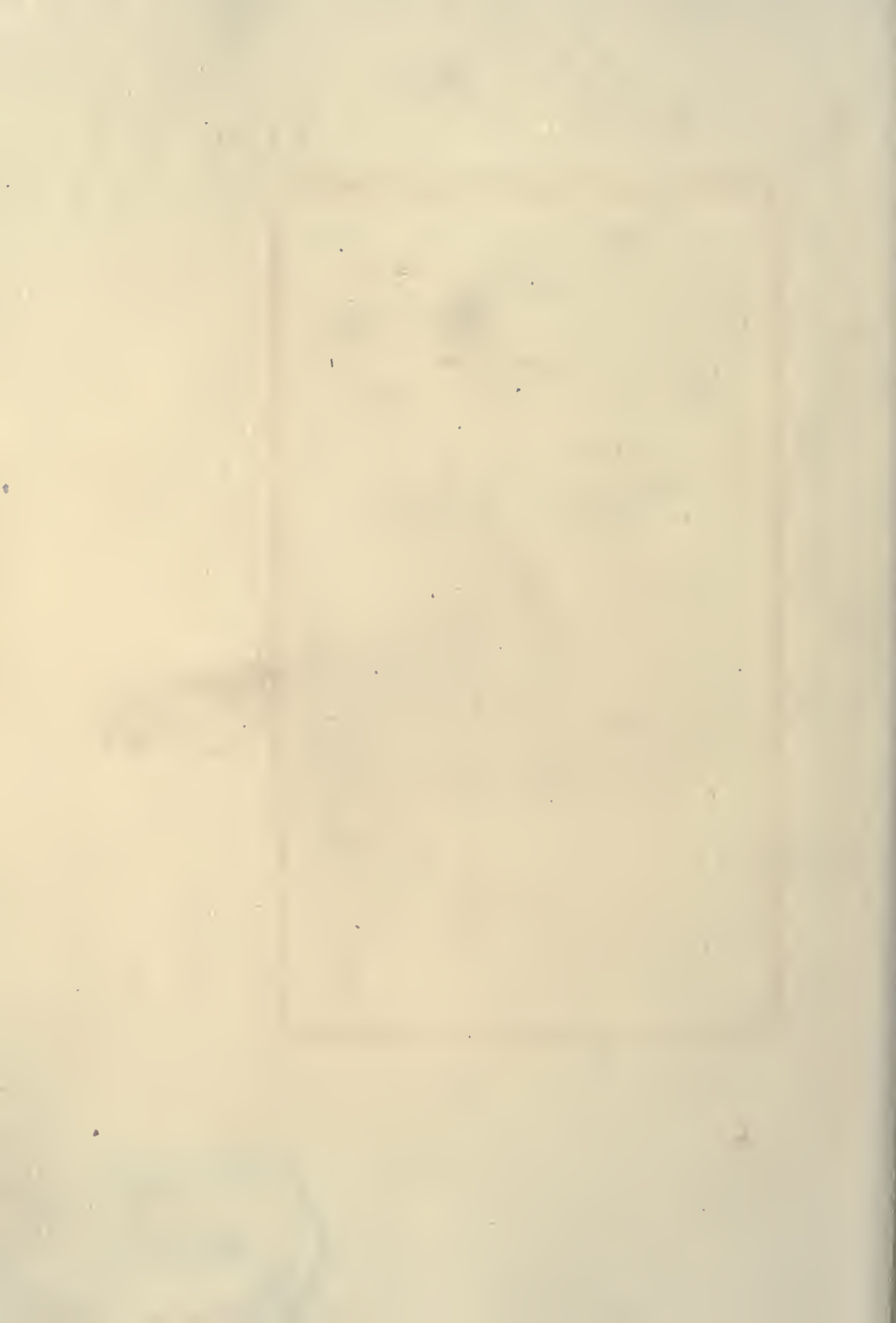
FALLECIDA COM DEZESEIS ANNOS DE EDADE

(18 de Março de 1887)

On se lasse de penser, et même d'agir ;
jamais on ne se lasse d'aimer, ni de le dire.

Au milieu des plus graves tourments qui
puissent jamais résulter de l'affection, je n'ai
cessé de sentir que l'essentiel pour le bon-
heur c'est toujours d'avoir le cœur dignement
rempli, . . . même de douleur, oui,
même de douleur, de la plus amère dou-
leur.

A. COMTE, *Testament*, p. 82.



CARTA DE C. CASTELLO BRANCO

Meu presado João de Deus

Nas onze duzias de livros que fabriquei, não ha uma elegia. As minhas elegias são tristezas incommunicaveis.

Lida a sua estimada carta, escrevi isso que remetto. Consulte T. Braga. Fomos inveterados inimigos em letras: Que não vá a minha intervenção na sua dor causar-lhe desgosto.

Aqui estou quasi cego, paralytico; ao lado de um filho querido e mentecapto que já tentou matar-me. Haverá grandes desgraçados, que comparados commigo, se considerem quasi felizes.

Abraça-o o seu velho amigo

C. CASTELLO BRANCO.



A MAIOR DOR HUMANA

A MORTE QUASI SIMULTANEA
DE DOIS FILHOS DE UM PAE EXTREMOSO
INSPIROU ESTES FROIXOS VERSOS

*Que immensas agonias se formaram
Sob os olhos de Deus! Sinistra hora
Em que o homem surgiu! Que negra aurora,
Que amargas condições o escravisaram!*

*As mãos, que um filho amado amortalharam,
Erguidas buscam Deus. A Fé implora.
E o céu que respondeu? As mãos baixaram
Para abraçar a filha morta agora.*

*Depois, um pai que em trevas vai sonhando,
E apalpa as sombras d'elles onde os viu
Nascer, florir, morrer! . . .*

Desastre infando!

*Ao teu abysmo, pai, não vão confortos.
És coração que a dor impedreniu,
Sepulchro vivo de dois filhos mortos.*

S. Miguel de Seide, 27 de junho de 1887.

C. CASTELLO BRANCO.

CARTA DE BULHÃO PATO

A JOÃO DE DEUS

Novembro, 15, 1888

Meu amigo

Ha tempos, n'um bello dia de inverno, eu encontrei no jardim da Eschola, Th. Braga com os dois filhos; duas encantadoras crianças! O avno passado tive a noticia de que ambos, já na adolescencia, lhe haviam succumbido!

Estava eu no campo e doente. Escrevi, commovido, esses versos.

Lembrei-me de os mandar à mãe; mas pensei depois que tudo poderia ser importuno para aquelle pobre coração abysmado na dor!

Agora t'os remetto manuscriptos como desejas.

Beijo as mãos das senhoras d'essa casa, abraço o nosso F. Leal, e a ti proprio como velho amigo e admirador sincero.

BULHÃO PATO.



ELLA E ELLE

*Era um dia de inverno, alegre, azul, esplendido,
Vinha o pae com os dois, duas gentis crianças;
Ella e elle a gorgear, como avesinhas mansas
Quando pairam nos céos inundadas de luz.*

*Poucos annos depois entrei no cemiterio
Acompanhando á vala inda mais um irmão!
N'um cantinho florido, ella e elle, em botão,
Jaziam sós, dormindo á sombra d'uma cruz.*

*Lembrei-me então do pae, e d'esse dia esplendido,
Em que o sol lhe doirava os fillos infantis;
Em que, voltando a casa, airosos colibris,
A mãe alvoraçada os abraçou tambem!*

*A mãe, a mãe, a mãe! Quasi no mesmo dia
Succumbiram-lhe os dois, e á desastrada sorte
Nem sequer lhe acudiu compadecida a morte! . . .
A mãe, a mãe, a mãe! Que desgraçada mãe!*

Porto-Brandão, agosto, 1887.

BULHÃO PATO.

A THEOPHILO BRAGA E SUA ESPOSA

PARA EPITAPHIO DOS SEUS FILHOS

THEOPHILINHO E MARIA DA GRAÇA

*No jardim do coração
Nasceram-nos duas flores;
Mas quasi ainda em botão
Desmaiaram-lhes as cores,
E eil-as cabidas no chão . . .
. . . onde estão nossos amores,
E os nossos olhos estão !*

JOÃO DE DEUS.



PRIMEIRO LEITE

NA MORTE DO THEOPHILINHO

*Flor do meu coração ! mimoso fructo
Do meu primeiro amor !
A quem ainda abraço, beijo e escuto . . .
Por cumulo de dor !*

*Não me esqueço da estrella, cujo brilho
Apenas entrevi !
A mãe nunca se esquece do seu filho !
Não me esqueço de ti.*

*Andorinha da minha primavera!
Que te acolheste ao lar
De quem, havia tanto, estava à espera
De te ouvir gorgear;*

*Mas ao pousar no tecto d'esta casa
(Que sorte Deus nos deu!)
Cobriste a cabecinha com a aza,
Avesinha do ceo!*

*E a mim resta-me a dor que me consume
Resta-me o meu pezar!
Resta-me a terra fria que te come,
Saudade sem par!*

*Foste a flor que ao abrir cabiu da haste
Logo pela manhã!
E se è tambem em pó que te tornaste...
Como esta vida è vã!...*

*Como Deus nos converte em noite o dia!
Em escuridão, a luz!
Em dor profunda, a íntima alegria!
Em summa a gloria, em cruz! . . .*

*Eras o meu enlevo, a minha gloria!
E se ao menos também
Se apagasse essa imagem da memoria
Da tua triste mãe! . . .*

*Flor do meu coração! mimoso fructo
Do meu primeiro amor!
A quem ainda abraço, beijo e escuto . . .
Por cumulo de dor!*



POESIA DA MORTA

*Cavalleiro da dor, peito deserto,
—disse-me a Sorte um dia—acaso, é certo,
que nunca um pranto n'ò teu rosto cae?
Cavalleiro infeliz da cota escura,
eu te farei chorar, estatua dura!
E eu disse:— Experimentae.*

*‘Poço do Orgulho! retrucou a Sorte,
chamarei em auxilio a Angustia e a Morte.*

—E o pranto, a angustia, a dor, tudo chamou.
Soberbo coração, eis-me a combate!
—E, com sanhudo e formidando embate,
a lucta começou.

.....

Alçado então de pé, disse o Tormento:
—Quem és tu que és maior que o meu lamento?
És um monstro, és um santo, heroe, aborto? . . .
Quem és tu, triste irmão da treva fatua,
que és mais frio que a sombra e do que a estatua?
E eu respondi:—Um morto.

Sim, morto! . . . repetiu o Desengano,
se perdeste a illusão do sonho humano,
globo vil de sabão, um fumo, um veu! . . .
O que perdeste tu? clamou a Cova.
Uma filha d'um rei galante e nova? . . .
E eu respondi:—O ceo.

*Se perdeste o teu ceo, volve o Sepulchro,
abro-te o peito, vem!—Sou frio e pulchro.
Meu largo peito todo o mal conforta.
Aliás, torvo, errante, sem abrigo,
acharás em cada alma o meu jazigo.
E eu respondi:—Que importa!*

*Se perdeste o teu ceo, disse a floresta,
passarás, sombra pavida e funesta,
sem risos, prantos, beijos de ninguém.
Se perdeste o teu ceo, disse-me a Ossada,
virás rollar-te no lençol do nada.
E eu respondi—Que tem!*

*Se perdeste o teu ceo, volveu a Morte,
jamais avistarás no mar sem norte
o bergantim do amor, trémula a falla.
Homem da dor, tornou-me a desdentada,
que boca ha de beijar-te a alma ulcerada?
E eu respondi:—A valla.*

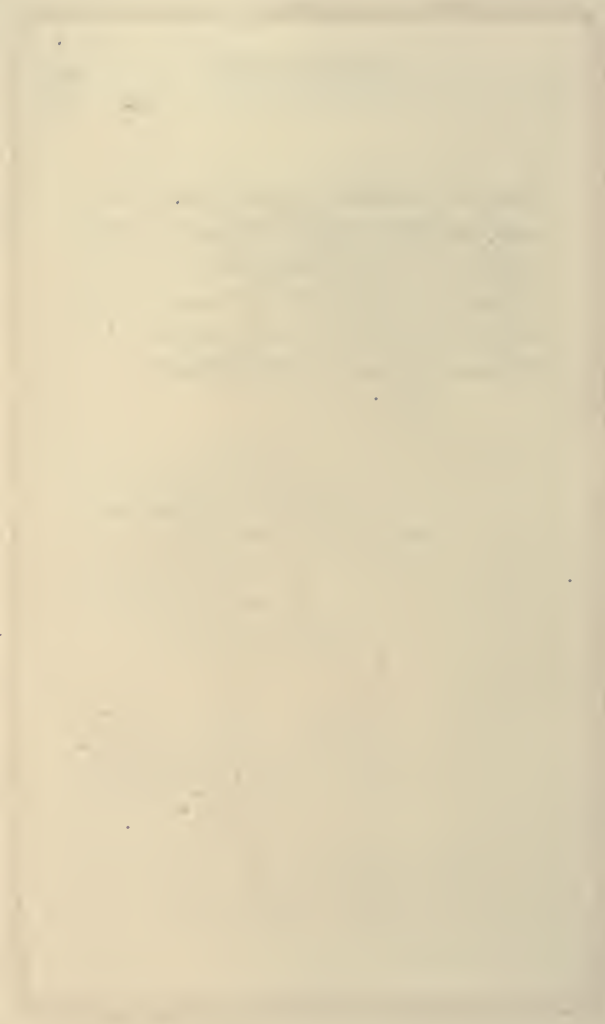
*Se perdeste o teu céu—então baixinho
gemeu tremendo a flor—no teu caminho
jámais verás aquella morta ideal. . .
que se soltou d'entre os maternos braços,
como as pombas que vão pelos espaços,
em busca do pombal.*

*Não mais encontrarás, ó miserando!
esse vulto gentil, saudoso, e brando
da tua irmã mais pura do que a Aurora,
nem cingirás jámais, n'um longo abraço,
aquella sombra errante pelo espaço
que talvez por ti chora! . . .*

*Não mais escutarás, alma enlutada,
aquella flêbil voz, lenta e arrastada,
queixosa voz que enternecia o ar. . .
e aquellas debeis expressões profundas
que outro tempo—ai de ti—já moribundas,
ouviste, de vagar. . .*

*Não mais a encontrarás, homem das dores,
ai de ti! ai de ti! nos sons, nas flores,
na paz do azul do ceo, no amor, na lei! . . .
—Mas de subito aqui perdendo a calma:
Basta! gritei.— Não me arranqueis a alma!
Eu dou-me por vencido! É vossa a palma! . . .
—E a chorar desatei.*

GOMES LEAL.



NO CAMPO-SANTO

*Correi, correi, correi, lagrimas silenciosas,
Triste encanto da dor, consolação pungente!
Sô vos possio agora, oh joias dolorosas...
Ide pois adornar o tumulo silente
Onde jaz meu menino e dorme eternamente.*

*Ide, oh pranto de amor ardente e angustioso,
Convulsivo prazer de uma alma desvairada,
Espalhai-vos ligeiro, ethereo e carinhoso
Sobre o corpo gentil da creatura amada,
Qual sobre o lyrio morto espalha-se o orvalhada.*

*Gottejai devagar sobre o sepulchro algente
Que encarcera o menino, o meu pequeno amigo...
Atravessai a louça,—ide amorosamente
Como o olhar do Senhor que vê gerar o trigo,
Mais feliz que seu pai vê-o no seu jazigo.*

*Derramai a seus pés da minha acerba vida
A tremenda saudade e as ancias fervorosas,
E sobre aquella boca outr'ora enriquecida
De beijos maternas e palpitantes rosas,
Correi, correi, correi, lagrimas silenciosas...*

LUIZ GUIMARÃES.

O ESQUIFE

*Como é ligeiro o esquife perfumado
Que conduz o teu corpo, oh flor mimosa?
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,
Pouco adejaste, oh cherubim nevado.*

*E vai descendo ao tumulto sagrado,
Igual à incauta e leve mariposa,
Que sem sentir queimou a alma anciosa
Do mundo vil no fogo profanado.*

*Mas eu que acabo de te ver perdida
Nos abysmos sem fim da natureza,
Oh minha filha! oh terna flor cabida,*

*Eu que perdi contigo a fortaleza,
As illusões, o gozo, a crença e a vida,
Ah! eu bem sei quanto esse esquife pésa!*

LUIZ GUIMARÃES.

TRANSFORMISMO

*Vacilla-nos a razão
ao vêr que a Philosophia
vae de theoria em theoria,
da dúvida á negação,
e da negação á crença,
deixando um tenue clarão
no espirito de quem pensa.*

*Por seu lado a Natureza
guarda nos seios profundos
aquelle cadinho magico,
em que os átomos e os mundos
se transformam sob o imperio*

*de misterioso alchimista
que os não deixa perecer:
quando os perdemos de vista,
apenas mudam de sér!*

*A estrella, a nuvem, a planta,
o rochedo, a fêra, o homem,
a alma vil, e a alma santa,
a matéria e a consciencia,
não morrem, não se consomem:
são as eternas crisálidas
da mais variada essencia,
que, no espaço de um segundo,
passam de um a outro mundo;
e de uma a outra existencia!...*

*Ah! quando esta lei suprema
os nossos lares invade,
e despedaça o poema
da nossa felicidade,*

*levando-nos cruelmente
um filho do nosso amor :
aquelle sêr innocente,
ao deixar-nos na anciedade,
segue a eterna e fatal norma,
transforma-se... na saudade!
mas esta... não se transforma!*

CANDIDO DE FIGUEIREDO.



À MORTE DOS FILHOS

DE

THEOPHILO BRAGA

*Sem filhos, mette dô, pobre poeta!
A mãe... Nem sei dizer tamanho horror...
E elles, seu novo sêr que fórma affecta?
Vaga em perfume? esbate-se em alvor?...*

*Aves implumes que invisivel setta
Varou sem pena do materno amor,
A filha após o filho, eil-os na mêta,
Cedo alcançada, onde termina a Dor.*

*Sim, ver morrer crianças, é bem triste!
Mas ellas, iniciadas no mysterio
D'além da morte, se um mysterio existe,*

*Dormem, sonham talvez, sem dór, sem ais,
Como se as embalasse um berço ethereo...
Enquanto vertem lagrimas os paes!*

FERNANDO LEAL.

Á MORTE DOS DOIS FILHOS

DE

THEOPHILO BRAGA

I

— *Pae, que perdeste nos dois filhos unicos
tua esperanza e teu prazer,
n'esta vida sem luz, sem paz, sem treguas,
como podes viver?*

*«Se eu morresse tambem, oh quem havia,
quem havia na terra recordar
todo o amor, toda a gloria que eu perdia?...
Fiquei para os cantar.»*

II

—Mãe, que a morte feriu no que ha mais intimo
no coração de uma mulber,
sobre o sepulchro dos teus filhos unicos
como pôdes viver?

«Oh, se eu morro com elles, quem iria,
com verdadeiras lagrimas regar
a sua campã abandonada e fria?...
Fiquei para chorar.»

CHRISTOVAM AYRES.

OS FILHOS DE THEOPHILO BRAGA

*Encantadoras crianças,
Cultivadas ao calor
Dos affagos e esperanças!*

*Ai! que vento destruidor
Vos derribou na passagem,
Mimosas plantas de amor?*

*Que abysmo foi, que voragem,
O que a vossos pés surgiu
Na luminosa romagem?*

*Que destino vos feriu?
Vivendo da luz haurida
No affecto que vos cingiu,
Morrestes de muita vida.*

TEIXEIRA BASTOS.

OS FILHOS

A TH. BRAGA

*Eu vi correr-lhe as lagrimas;
E ponderei que a dor
De ter perdido os filhos,
 Que elle adorava,
Era maior, mais vasta
 Que o seu amor.*

*Consolações!? Quem pôde
Leval-as dentro ao peito
Do pae que vê desfeito
Pelo tufão da morte,*

*Cruel e assolador,
O perfumado ninho
Que elle tecera um dia
Com tanto amor?*

*Depois, estas lembranças
Jámais se desvanecem,
Não se delidem, crescem;
São como a dor:
Sente-se um vacuo enorme
No coração magoado,
Onde cabiu gelado
O nosso amor...*

Porto—1887.

JOÃO DINIZ.

NOVA REVELAÇÃO

*O espirito do poeta perscrutara
A dor humana, e como um forte vento
A sua voz, em dolorido accento,
A harmonia das lagrimas vibrara.*

*E na «Visão dos Tempos» desvendara
Da Humanidade o secular tormento!...
Vira o terror, a morte, o soffrimento,
E em tudo a nota natural achara.*

*Mas o poeta é pae! oh desventura
Vendo os filhos tombar na sepultura,
— As realidades da illusão do amor,*

*Então presente como é vã a vida,
— Sua alma, incerta, atonita, perdida
De dor e espanto de existir tal dor.*

Lisboa, 12 novembro 1887.

COELHO DE CARVALHO.

DIANTE D'UMA DESGRAÇA

*Ha tristezas no cantico dos mares
Ha choros comprimidos na neblina,
Ha lagrimas no orvalho da campina,
Nuvens na idéa e nuvens pelos ares.*

*Ha tedio nos esplendidos palmâres,
Resignação no musgo da collina,
Ha cristações no ferro que assassina,
E é tenebroso o riso dos alvâres.*

*Quem pudéra entender as amarguras
Do nocturno silencio doloroso,
Quando os astros vacillam nas alturas!*

*Que frio vae nas funerarias louças!
E que soffrer calado e luctuoso
N'esta apparente quietação das cousas!*

NARCISO DE LACERDA.

PANO VERMELHO

*Era um enterro a caminhar sereno
Do cemiterio ao fim:
O caixão que levava era pequeno,
E o pano carmezim.*

*O prestito funereo se encaminha
Ao jazigo do avô,
Junto a quem vai dormir a creancinha
Que ha pouco se finou.*

*Não conheceu da vida o horror profundo
E os transes infernaes:
É um infeliz de menos que ha no mundo,
E um cypreste a mais!*

CYRILLO MACHADO.

Et rose, elle a vecut. . .

MALHERBE.

*Na manhã da vida apenas,
Levou-a o vento mortal
Que desfolha as assucenas
No fundo escuro do val.*

*Com o mesmo riso que tinha
Nos labios ao despertar,
Voou, saudosa andorinha,
Em busca de um outro lar.*

*Como a alveloa ferida
Que caiu morta no chão,
Ia pallida e sem vida
No seu estreito caixão.*

*Murchas as cores mimosas
Da sua face louçã...
Rosa, viveu como as rosas
Apenas uma manhã!*

*Em bem pouco se resume
A sua historia, Senhor!
Existiu como um perfume,
Expirou como uma flor!*

*E n'esse viver risonho,
Puro como o azul do céu,
Passou a vida n'um sonho,
Acordou d'elle—e morreu.*

ALVARO DE CASTELLÕES.

PARABOLA DA ANGUSTIA

Non est enim mortua, sed dormit

S. MATHEUS.

Prégava então Jesus em parte da Judeia.

Orvia-o mãe de angustia — e de que angustia! — cheia.

O Mestre ia ensinando às multidões:

«Benedictos,

os que padecem na alma, os tristes, os afflictos...»

*E a mãe, erguendo o olhar, que humedecido brilha,
geme aos pés de Jesus, que a escuta: «Minha filha,
desde hontem, Rabbi doce e compassivo, é morta;
desde hontem, e ninguém desde hontem me conforta!*

Tambem serei benedicta?»

*E o Mestre augusto e santo,
com piedade egual ao travo de tal pranto,
responde-lhe:*

«Verás!»

*E, antes de findo o dia,
partiu com ella e entrou na casa, onde jazia,
no frio do sudario, a pequenina morta.*

*Em quanto a multidão, que o segue, attende á porta,
toma Jesus nas mãos a gelida mãosinha,
e, olhando sorridente a mãe, que mal sostinha,
entre confiada e incerta, o pranto que vertia,
diz-lhe: «Tua filha é viva, ó mãe; toma-a, dormia.»
e viva a restitue a seu amor profundo.*

Oh mães! se inda Jesus andasse pelo mundo...

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

STABAT MATER

*Christo expira; nos impetos vulcanicos
Toda a terra estremece; alto, ribomba
O trovão rugidor; a negra tromba
Inturgescce nos páramos oceanicos;*

*Tremem da terra os corações tyrannicos;
Um véo de escuridão na terra tomba;
E, como n'uma subita hecatomba,
Desubrocha no mundo o horror dos pánicos.*

*Hesita a vida no ridente berço;
Rangem ossos que a campa mal contém,
Um lucto estrugidor cinge o universo;*

*Gargalha o mal; geme dolente o Bem;
Mas sobre o colossal fragor disperso
Orve-se o grito da affligida Mãe!*

Janeiro, 5 — 89.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

AO EMINENTE ESCRIPTOR

THEOPHILO BRAGA

E A SUA ESPOSA

Para ser vão o que esta vida encerra,

E illusoria e fallaz a humana sorte,

Basta pensar :

— A quantas mães, na terra,

Não rouba os filhos a implacavel Morte!

20 — 1 — 89.

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

A THEOPHILO BRAGA

*Pela estrada sombria e dolorosa,
Conduzidos por mão desconhecida,
Partiram para onde a luz da vida
Mergulha n'uma treva pavorosa.*

*Foi a sua existencia parecida
A existencia eph'mera da rosa,
Pela manhã balsamica e formosa,
A tarde sem aroma e a côr perdida.*

*Após os filhos com dorido brado
Fôra o pae; mas chegando ao negro abysmo
Que sôrve de continuo a humanidade,*

*Parou, como quem é petrificado,
E firme, em pé na rocka do estoicismo
Alarga um triste olhar 'à immensidade.*

A. D'AZEVEDO CASTELLO BRANCO.

*Não te lamentam sós no ermo cemiterio
Os braços de uma cruz e o cypreste funereo,
A triste ave agoireira, as lagrimas da aurora,
E a tua sombra, irmã, que em nossa casa môra;
Mas eu, e todos nós que em vida te adoramos
Penando a mesma dor, por ti juntos choramos.*

ALBERTO TELLES.



DUAS CRIANÇAS MORTAS

*Guiando-se um ao outro á sepultura,
Elles entraram na mansão escura
Embalados em lagrimas, em ais. . .
Hão de ali brotar lirios, nascer rosas. . .
Mas essas boas flores mysteriosas
Trazem na seiva o coração dos paes.*

JOAQUIM DE ARAUJO.

CARTA DE FERNANDES COSTA

Meu caro Fernando Leal

Quando Th. Braga perdeu os filhos que lhe alegravam a vida e lhe illuminavam os antegostos do futuro, não se me offereceu ensejo de escrever em qualquer jornal o sentimento cordeal com que eu avaliava e comprehendia tão enorme dor. Não ha, portanto, nenhum artigo meu, a tal respeito.

Levado, porém, pelo desejo de servir o meu amigo, que tão obsequiosamente se lembra do meu nome, querendo associar-o no grupo de poetas e de homens de coração collaboradores do livro que os admiradores de Th. Braga lhe vão offertar, e tendo pela desgraça individual d'este respeitavel trabalhador e honrado chefe de familia toda a commiserção

fraterna em que a conformidade das dores humanas estreitamente nos associa, escrevi as duas quadrinhas que inclusas lhe remetto, e que peço ao meu amigo queira inserir no logar mais humilde do formoso e sympathico livro que vae publicar-se.

Disponha em tudo do seu

*amigo, confrade e admirador
muito sincero*

S. C. R. de Vasco
da Gama, 7, 4.º

FERNANDES COSTA.

A THEOPHILO BRAGA

*Quando os filhos teus perdeste,
Em ti os meus olhos puz;
Mas vi tua esposa, e disse:
«São dois para a mesma cruz.»*

*Passado tempo, a desgraça
Tambem me vergou sem dó. . .
Mas a cruz da viuvez
Ah! tem de levar-a um só!*

Janciro, 8 — 89.

FERNANDES COSTA.

PESAMES

AO DR. THEOPHILO DRAGA

*Sei que angustia lethal te rasga o seio afflicto.
Conheço-a! Ainda a sinto, e em vão quero esquecel-a.
Choras teu fillo amado, eu choro a minha estrella;
Irmãos somos na dor, forçados sem delicto.*

*Não ha força bastante a reprimir o grito
Da consciencia que assiste, e sem poder detel-a,
A destructora acção. A morte ha de vencel-a,
Na «Duvída» gelando o luminoso fito.*

*Tudo é esteril e vão ao pé de um filho morto!
Não ha philosophia a produzir conforto,
Maldiz-se a propria sciencia e a vida eterno abysmo.*

*E o espirito bastilhado em perduravel moto,
Fica parte a fluctuar no coração do ignoto,
E a outra contemplando o duplo cataclysmo.*

A. VIDAL.

IN DOLORE

*Chovem lagrimas trêmulas e santas,
Como um diluvio triste de afficções . . .
Tremem de angustia e dor os corações,
Como nos vendavaes tremem as plantas.*

*Abrem-se em chaga os peitos doloridos . . .
Palpita a campa n'um festim sangrento . . .
Cae do céu um luar de sofrimento,
No rumor d'uma orchestra de gemidos . . .*

*Entretanto, uma flor serena e forte,
Denunciando uma existencia nova,
Surge das sombras da funerea cova,
Como um protesto eterno contra a morte.*

Foz do Douro.

ALBERTO BRAMÃO.

PAE?

*Decipa-te a morte os filhos,
Gentis vergontes em flor!
E a dura lei que os arranca
Do teu lar, não mais estanca
Saudades, lagrimas, dor . . .*

*Desalentado suspiras;
No peito abafas um ai!
Quando as saudades consomem,
As lagrimas são do homem,
Deixa a dor saltar-as, pae.*

Monte-Mór o Novo, 29 — 12 — 87.

CARLOS M. SILVA.

A UMA CRIANÇA MORTA

*Cheia de vida e cheia de esplendor,
Sonhando sempre uma existencia nova,
Acenaram-lhe os anjos do Senhor,
E a primavera preparou-lhe a cova.*

*As estrellas ao verem-na passar,
Toda de branco, immaculada e pura,
Assim como uma noiva em miniatura,
Carinhosas vieram-na beijar . . .*

*N'aquelle brando seio de criança,
Aureolado em divinal unção,
Ai! quanta vez irradiou a esp'rança,
Emballando-lhe o meigo coração!*

*Mas dorme, dorme assim, pomba innocente,
Ingenua criança, irman das flôres!
A morte é somno leve e transparente,
E a vida inteira um turbilhão de dôres!*

9 de Junho de 87.

ALBERTINA PARAIZO.

A THEOPHILO BRAGA

*Sorriam no teu lar duas crianças louras,
Lírios que arrebatou o vendaval da sorte,
E só pôdes legar ás gerações vindouras,
Teus livros de granito os quaes não fere a morte.*

*Com a resignação d'um pensador moderno,
Não reclinas, poeta, a fronte angustiada!
No teu olhar fulgura o genio—o ideal superno,
E brotam do teu craneo os brilhos da alvorada!*

*Sublime vencedor dos esquadões da sciencia,
Tambem sabes vencer a dor que almas corroe!
Tornou-te ha muito illustre a tua intelligencia,
Tua resignação tornou-te agora heroe!*

S. Miguel — Açores.

ALICE MODERNO.

NA MORTE DE UMA CRIANÇA

*Se eu tivesse morrido n'essa idade,
Criança alegre que este mundo deixas,
Não sentira as agruras da saudade
E não lançára ao vento amargas queixas. . .*

*Ha para nós no mundo, alma innocente,
Uma ventura só—é ser criança!
E tu foste criança unicamente,
Feliz de ti! Descança em paz, descança.*

*Existencia fugaz e venturosa,
Foi teu primeiro o ultimo queixume;
Viveste pouco mais que vive a rosa,
Tiveste a curta vida do perfume.*

*Por isso com pezar mêsto e profundo
Digo: Feliz quem morre n'essa idade;
Quem morre, e unicamente d'este mundo
Leva um adeus, e deixa uma saudade.*

27—3—87.

FILINTO D'ALMEIDA.

NA MORTE DOS FILHOS

DE

THEOPHILO BRAGA

*Um filho vê morrer . . . outro depois
A mão da fêra Parca lhe arrebatá,
Por saber que um só golpe 'inda não mata
Aquelles que na dor se erguem heroes.*

*A um golpe resistiu . . . ao soffrer dois
Já coragem não ha que não se abata! . . .
Toda a extensão da dor mediu exacta,
Dor sobre dor sentiu . . . e chorou, pois! . . .*

*Victima do furor da sorte austera,
Chegou mesmo a pensar: «Eu não resisto! . . .»
Mas resistiu à dor tyranna e fêra,*

*Porque o sabio mais pensa, mais tem visto,
Melhor se curva à lei, melhor pondera
«Que é geral este horror, que o mundo é isto.»*

J. I. ARAUJO.

MATER DOLOROSA

*A leve aragem que gemendo passa
Entre as espigas dos trigaes maduros,
O branco cysne que a morrer esvoaça
Nas brandas aguas dos regatos puros;*

*Sidèrea estrella que nos ceus exhala
O triste alento da fulgente luz,
Um doce ninho que uma ave embala,
Christo sereno a expirar na cruz;*

*Vermelha rosa perfumada e casta
Em roseiral de um jardim olente,
Que o furacão sem piedade arrasta
Por sobre as pedras do deserto ardente;*

*Um colibri de esmeraldinas côres
De estonteante e ideal matiz,
Em jaula d'ouro succumbindo ás dores
Da nostalgia do seu bom juiz;*

*Tudo que é bello, inspirador e grande,
Tudo que é nobre de fulgores e brilhos,
Não tem as côres que só a alma expande
Da pobre mãe, quando ella perde os filhos.*

ALFREDO GALLIS.

MYSTICISMO

AO SR. DR. THEOPHILO BRAGA

*Se eu pudesse, meu Deus, á minha voz de poeta
Do tumulo sombrio erguer os filhos seus,
Elle, que é um alheu, um martyr, um propheta . . .
Rojava-se a meus pés a soluçar: — Ha Deus!*

S. Miguel — Açores.

MANOEL AUGUSTO D'AMARAL.



ELEGIA

NA MORTE DOS FILHOS DO SR. DR. TH. BRAGA

*Elles eram, ó Morte, os polos santos
Da vida de seu pae — esse portento!
Um era a Ideia, outra era o Sentimento,
E ambos — seu futuro! e — seus encantos!*

*Eram como um casal de pombas mansas
A percorrer o lar — deserto ninho!
Entre infantis arrulhos de carinho,
De jubilos, de graça, e de esperanças.*

*Pobres irmãos! . . . Um dia, n'um abraço,
Visões ethereas, foram pelo espaço . . .
E, ao lar deserto não voltaram mais!*

*O pae ficou-se então inerte e absorto
Fitando os céos . . . E agora vive morto,
Morto a scismar: — Ó filhos, onde estaes?!*

S. Miguel — Açores.

MANOEL AUGUSTO D'AMARAL.

LACRIMA RERUM

AO DR. TH. BRAGA

*Vira-as rir e brincar, dulcissimas crianças,
Nas floridas manhãs da tua alegre vida
Cheias de sol e amor, risonha a fronte erguida,
Largo o horizonte azul a prometter bonanças.*

*Como cãem no chão estas pombinhas mansas!
Como o sopro da morte as leva de vencida!
Ellas levam consigo a terra arrefecida
Ardentes illusões e vagas esperanças.*

*Viu-as cair assim, e viu toldar-se a calma
Do seu ninho de amor. Então sobre a sua alma
Sombra eterna pairou vinda de duas lousas.*

*Através essa sombra elle olha as cousas, frias,
Chorosás, sem o sol dos seus antigos dias.
Triste, elle chora ao ver as lagrimas das cousas.*

Faial — Açores.

M. JOAQUIM DIAS.

EPICEDIO

AO SR. DR. TH. BRAGA, APÓS A MORTE DE SEUS FILHOS

*Uma após outra as vividas crianças
Foram-se alando pelo azul ethéreo:
— Aves do Céu, envoltas n'um mystério!
— Almas gentis, repletas de esperanças!*

*Foram-se! . . . E, d'essa concha de saphira,
Lucida e bella, cheia de poesia,
Contemplam seu lar triste, na agonia
Dos fundos ais, que o pobre pae suspira.*

*A dor, a magoa eterna, que devora
O coração e a vida, a pouco e pouco,
Prostrou, enfim, n'um sofrimento louco,
O gran poeta e o pensador d'agora.*

*Desgraça enorme! Inda hontem, insondavel,
Era a sua alma um cofre de ventura. . .
Hoje, ó contraste, é gelida clausura
De infinita saudade insaciavel!*

S. Miguel — Açores — 1887.

A. C. DE FARIA E MAIA.

SOLATIO

AO SR. DR. TH. BRAGA, NA MORTE DE SEUS FILHOS

I

*Se uma lagrima
Que se chora,
Mais inflora
O martyrio;*

*No calvario
Que se adora,
Cada aurora,
Nasce um lirio:*

*E o perfume
Que perpassa
D'esta flor,*

*É o nome
D'uma «Graça»
Do Senhor.*

II

*Seja o tumulto
Um abutre
Que se nutre
Da matéria;*

*O espirito
Não consomme
N'essa fome
Deleteria!*

*Não é vaga
A esperança
Que seduz . . .*

*Não se apaga
A lembrança
D'essa luz.*

S. Miguel — Açores.

EUGENIO MONIZ.

DOR SEM EGUAL

AO SR. DR. TH. BRAGA

*Uma dor que nos esmaga,
Que em nossa alma a luz apaga
E aos olhos offusca o brilho,
É a dor atroz, pungente,
Que nos fêre cruelmente
Se a morte nos rouba um filho! . . .*

Ponta-Delgada, S. Miguel — Açores.

M. PEREIRA DE LACERDA.

A THEOPHILO BRAGA

*Não soffre quem cae por terra
Na gelada sepultura,
Quando alli, como n'altura,
Mysterios a noite encerra!
A luz meiga que descerra
As sombras de inverno austero
Surge d'un dia severo,
Das taboas de um ataúde. . .
Só é triste, amarga e rude
A vida,—mar grande e fero.*

Horta — Açores — Julho de 1887.

ERNESTO REBELLO.

TRIBUTO DOLOROSO

*O infortunio fatal, que ha tempos fulminou
Teu grande coração, para sempre doleute,
Um brado o fez soltar, fortissimo e pungente,
Que em todo o Portugal e além elle eccoôu!*

*Duplamente fatal, o golpe revibrou;
E, em seu curso veloz, no effeito insistente,
Para tambem levar na lugubre torrente
Dois tristes — pae e mãe — pouquissimo saltou!*

*Irreparavel foi a perda que soffreste
No filial amor, que tão breve fruiste,
E quando em curto lapso os dois filhos perdeste!*

*Para tamanha dôr nenhum remedio existe,
E um lenitivo só, que poderá ser este:
Este lucto geral que envolto no teu viste!*

Açores — Angra do Heroismo, 15 de julho de 1887.

JOÃO HERMETO COELHO D'AMARANTE.

AO DR. THEOPHILO BRAGA

PELA MORTE DE SEUS DOIS FILHOS

*E nunca mais os vê! A morte arrebatou-os
Aos carinhos de um pae que tanto os adorava;
Como um ladrão faminto e mão ella roubou-os
Sem ver, sem presentir o vácuo que deixava!*

*E nunca mais os vê! Se ao menos se pudesse,
Além da campa fria, erguer o denso véo
Que nós encobre a luz. . . talvez eu lhe dissesse:
—Não vês dois lumes mais a fulgurar no céu? . . .*

Ponta Delgada, junho de 1887.

ALFREDO AVELLAR.



SIT TERRA LEVIS

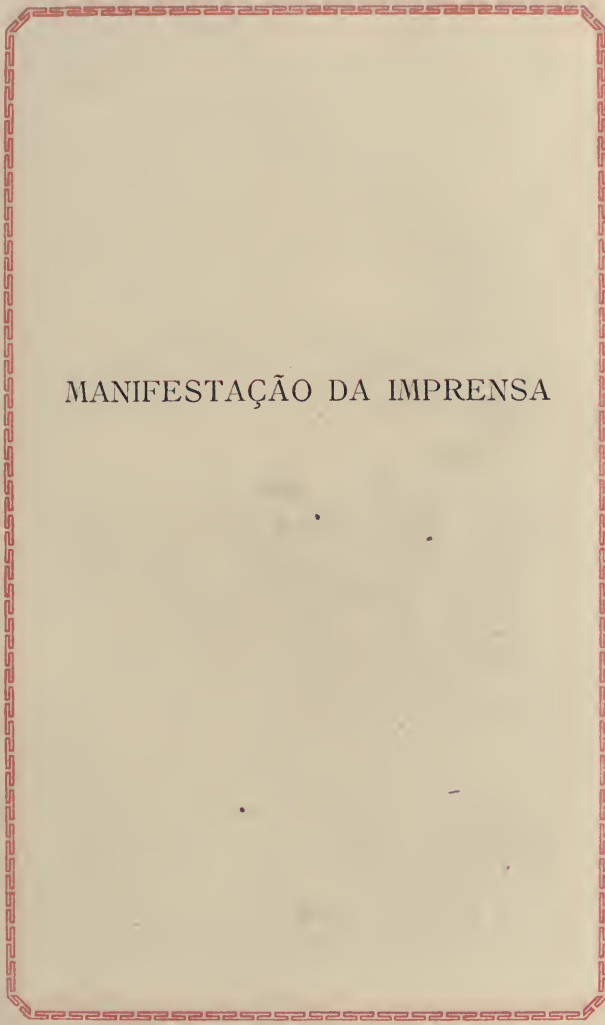
*Como ia branca e mimosa
Toda innocencia e virtude,
No seu pequeno ataíde,
No seu caixão cor de rosa!*

*Em commoção carinhosa,
Ao vêr-lhe a casta attitude,
Do coveiro—um velho rude,
Molhou-se a face rugosa.*

*E a dura argila em torrão,
Temendo ao corpo de neve
Pisar as carnes tenrinhas,*

*Ao cahir sobre o caixão,
Fez-se leve . . . leve . . . leve,
Como pennas de andorinhas.*

ALFREDO DE MORAES PINTO.



MANIFESTAÇÃO DA IMPRENSA

THEOPHILO BRAGA, FILHO

Já não existe aquella adoravel criança a quem tanto queriamos. O filho estremeido do nosso pre-sadissimo mestre e amigo dr. Theophilo Braga, extinguiu-se hoje de madrugada, após seis mezes de cruciante padecer.

Seis mezes de cuidados, de afflicções e de inexc-diveis carinhos para seus extremosos paes, que passavam dias e noites velando pelo seu querido filhinho, e tudo baldado!

Nem os recursos da sciencia, nem o amor paterno e materno levado aos ultimos limites da dedicação, poderam salvar aquella preciosa vida, aquella existencia de tão promettedoras esperanças, porque o Theophilinho já na sua tenra idade

de 12 annos possuia uma intelligencia lucida, e uma tão nativa bondade de coração, que captivava toda a gente.

Quem, como nós, conhece quanto amor dedicavam a seu filhinho o nosso presadissimo amigo e mestre dr. Theophilo Braga e sua respeitabilissima esposa; quem, como nós, presenciou os anceios e afflicções dos extremosos paes durante aquelles longos seis mezes de verdadeiro martyrio, e a alegria que lhes saía do coração quando no enfermo se manifestavam alguns tenues prenuncios de melhoras; quem, como nós, avalia os thesouros de ternura d'aquelles paes, bem pôde suppôr que não ha phrases de consolação para mitigar a profunda dôr em que se acham immersos. Respeitemos, pois, essa dôr.

Porque nós tambem não podemos expressar em palavras toda a extensão da magoa que sentimos pela perda do nosso infantil amiguinho.

Folha do Povo, n.º 1915

(8—12—86).

S. CECILIO DE SOUSA.

THEOPHILO BRAGA

Este nosso querido e illustre amigo acaba de soffrer o mais rude golpe que um pae extremo pôde experimentar.

Hontem de madrugada morreu o seu filho, que, na idade de treze annos, era já uma esperanza brilhante pela lucidez do seu espirito, e que seu pae e sua boa mãe amavam com o mais disvellado affecto. Morreu deixando os seus como que esmagados por um tão rude golpe que o nosso amigo julgava cada vez mais longe, apesar dos enormes estragos produzidos por uma terrivel doença e que faziam prevêr para breve este tristissimo desenlace a todos quantos conheciam o estado de saude da infeliz criança.

A dedicação de Theophilo Braga e de sua esposa foi fertilissima em cuidados, em disvellos, em mimos, em caricias e em esforços para salvar o seu querido filhinho da morte. A sciencia prodigalisou tambem todos os seus esforços para evitar este desastre.

Tudo foi, porém, inutil.

Theophilo Braga, filho, morreu hontem, deixando um enorme vacuo na sua familia.

Os nossos mais sentidos pesames ao nosso bom amigo, a quem acompanhamos na dôr que o tortura.

Seculo, n.º 1815

(VI anno).

THEOPHILO BRAGA, FILHO

Se ha manifestações de affecto que possam suavisar a amargura do coração de um pae extremissimo, dilacerado pela perda de um filho querido, foi, sem duvida, uma d'ellas, a que hontem se fez junto ao cadaver do filho do nosso amigo e mestre o sr. dr. Theophilo Braga.

Aquella adoravel criança era o enlevo de seus paes, que a cercaram de todos os carinhos e affectos levados ao maior extremo, que a ensinaram a balbuciar as primeiras palavras, que lhe abriram o infantil cerebro ás primeiras letras, que a instruíram e educaram finalmente até a habilitarem a entrar nos cursos superiores. E a implacavel morte

rouba-a justamente quando aquella ardua tarefa se concluiu, quando os extremosos paes se sorriam satisfeitos ao contemplarem o desabrochamento d'aquelle juvenil espirito que tão pacientemente haviam modelado, ao pensarem no brilhante futuro que entreviam para a intelligente criança, que já revelava um talento verdadeiramente superior e auspicioso.

Se pôde, portanto, haver algum lenitivo para uma tão cruciante dôr, devem-n'o encontrar os angustiados paes na respeitosa e imponente homenagem de sympathia, respeito e affecto, prestada hontem ao seu adorado filhinho, pelos seus amigos pessoases e politicos.

O funeral foi realmente concorridissimo e apresentava um aspecto commovedor. O cortejo começou a desfilar cerca do meio dia, indo na frente, conduzido á mão, o feretro da criancinha, seguido pelos alumnos e alumnas da *Escola infantil para os filhos do povo*, com o seu estandarte, e fechando o prestito todos os convidados, a pé.

Todas as classes estavam ali representadas: a camara municipal, o professorado, a imprensa, o commercio, a industria e os operarios, entre os

quaes o nosso amigo dr. Theophilo Braga conta numerosas dedicações.

Pegaram ás borlas do caixão, desde a casa do finado até ao cemiterio os srs. Fernando Palha, dr. Mattoso dos Santos, Ramalho Ortigão, Consiglieri Pedroso, Julio Cesar Machado, e Silva Lisboa: Da porta do cemiterio até á sepultura, reveesando-se, os srs. dr. Magalhães Lima, dr. Teixeira de Queiroz, Sabino de Sousa, dr. Manoel d'Arriaga, Ernesto Loureiro, dr. Lopes Monteiro, Cecilio de Sousa, Costa Godolphim, Caetano Pinto, Teixeira Bastos, Chrystovam Ayres, Guilherme Gomes, José de Sousa, Franco, dr. Cupertino Ribeiro, Ramos Villar, e Pedro Claro.

O caixão ia adornado com tres corôas, uma de vidrilhos offerecida por um grupo de socios do *Club Victor Hugo*, outra de porcellana offerecida por uma eriança protegida pelo pae do finado, e outra de camélias brancas e verdura offerecida por esta redacção, e ficou depositado no jazigo do sr. dr. Falcão, amigo intimo do sr. dr. Th. Braga.

O nosso querido amigo e talentoso advogado, dr. Manoel d'Arriaga, pronunciou um notavel discurso á beira do jazigo, encarecendo os meritos da

sympathica criança, cujo cadaver ali desaparecia, mas cuja memoria ficava gravada nos nossos corações, e descreveu em traços brilhantes a preciosa dedicação com que os carinhosos paes acompanhavam a instrucção e a educação do mallogrado filho.

Foi um formoso improviso, que deixou profunda impressão no auditorio.

Folha do Povo, n.º 1953

(10-12-86).

O FILHO DE THEOPHILO BRAGA

É inexoravel esta fatal lei do transformismo que n'uma hora maldita, pelo poder rigoroso do Destino e por uma necessidade da harmonia do systema natural, nos arrebatava antes que nos são caros, matando-nos, ás vezes, a alma, com a incomparavel dor em que nos deixa abysmados.

Eu que sei, de mais até, apesar de ainda ser tão moço, o que são e o que valem as dores moraes, posso avaliar o quilate da tortura horrorosa que vae n'aquella alma de pae de Theophilo Braga, e de pae extremosissimo como elle o é.

O ideal da vida moderna, o mais rasoavel perante a philosophia positiva, é a familia. Imagino

o que deve ser, que de mim nunca experimentei o santo conchego d'um lar.

Th. Braga, o athletico mestre da geração nova, constituiu uma familia, em cujo regaço encontrava o cumulo dos seus anhelos e das suas aspirações, devotando-se-lhe ardentemente e roubando ao seu trabalho de gigante o maior espaço de tempo que lhe é possível para aquecer com os seus carinhos consoladores os seus adorados filhinhos.

E depois, ver, aos 12 annos, a Morte, espectro negro e horrído para os que são relativamente felizes, arrebatou-lhe dos braços um d'esses anjinhos de amor com que elle contava para lhe adoçar as agruras do porvir!

É triste, muito triste!

Julio Cesar Machado, que reveste, ás vezes, o seu cstylo de variegados arrebiques, n'um folhetim do *Diario de Noticias* de 18 de dezembro ultimo, escreveu a proposito da morte do filhinho do nosso presado conterraneo:

«Na manhã triste e chuvosa da ultima quinta-feira, 10 de dezembro ultimo, fomos acompanhar ao cemiterio o filho de Theophilo Braga.

«Sempre faz pena a morte de uma criança; quanto mais, quando uma pessoa a conheceu, quando lhe fallou, quando sempre gostava de a encontrar, e que, a physionomia d'ella era tão expressiva, tão interessante de intelligencia, tão bôa, como a d'esse pequenino. Um olhar de uma penetração, de uma comprehensão reflexiva, isso sim, que poderia ser o adivinhar da tristeza, das saudades em que breve deixaria o pae e a mãe.

«Era meio dia quando a terra cobriu aquelle corpinho; e ainda no meio do seu dia havia chegado a existencia d'esse innocente que a morte levou na flôr dos annos, depois de o ter feito sofrer tanto.

«Não são para folhetim, estas coisas. . . Mas, querido amiguinho, eu, que tanto gostava de ti, quiz dizer-te adeus.»

Filho da mesma patria de Theophilo, discipulo humilimo, mas sincero, do homem que pôde e deve ser mestre de quantos hoje escrevem em Portugal, correligionario, seguidor de muitas das suas utopias, arrostando, como elle, com o azar da sorte no principio da existencia, perdida a fé e a espe-

rança já tão cedo, não acreditando na lei das compensações, nem no futuro, não podia deixar de me confranger este golpe que sei que sangrou muito no seu coração affectuoso.

Se fosse no tempo das flores, enviar-lhe-ia uma saudade para a campa do seu filhinho.

O Novo Diario dos Açores, n.º 1030.



ARMANDO DA SILVA.

D. MARIA DA GRAÇA BRAGA

Escrevemos com lagrimas este nome da mais formosa e intelligente criança que conheciamos, que estimavamos, que adoravamos, e que a morte arrebatou hoje pelas seis horas da manhã depois de uma prolongada noite de dolorosa agonia.

A filha unica e estremecidissima do nosso querido amigo dr. Theophilo Braga extinguiu-se aos dezscis annos incompletos, após tres mezes da mais cruel doença, não lhe valendo os inxcediveis carinhos e cuidados cruciantes de seus paes, nem os esforços da sciencia medica, para conservarem aquella vida preciosa, aquella adoravel existencia que era a unica consolação e esperanza, a

única alegria de sua mãe e de seu pai, já tão atrozmente feridos pela prematura e dolorosa perda de seu filho Theophilinho!

Perderam um após outro os seus dois filhos, aquelles modelos dos pais! Está de luto e immerso na dôr sem lenitivo nem esperança aquelle lar onde ainda ha mezes tudo eram harmonias e amor! Apagaram-se as duas estrellas que eram os radiantes e promettedores fanaes d'aquella familia de bons e leaes corações! Agora, contemplando-se na sua mutua e desesperançada solidão, confundindo as suas sentidissimas lagrimas de saudade pelos pedaços do seu sêr que a morte lhes arrebatou implacavel como o destino funesto, só lhes resta das alegrias passadas, que a sorte entenebreceu com a mais revoltante crueldade, a triste consolação—bem tenue e inefficaz—de que a sua respeitabilissima dôr é compartilhada por numerosos amigos fieis, por quantos têm podido apreciar no muito que valem as altas virtudes dos desventurados pais, feridos nos mais intimos dos seus affectos.

Pobre criança! Tão intelligente, tão instruida, tão raciocinadora com esse raciocinio natural e espontaneo só dado aos espiritos verdadeira-

mente superiores, quando entrava na primavera da existencia, quando a vida lhe sorria no desabrochar da esperanza, enlevo de seus paes e admiração de todos que uma vez lhe fallavam! Pobre criança! . . .

Quem diria, quando por occasião do fallecimento do seu irmãosinho a vimos represando as lagrimas de dôr para não affligir seus paes, quem diria que em tão breve seria por ella que as lagrimas correriam espontaneas e sentidas a esses que então lhe admiraram a bondade de caracter manifestada n'aquella fórma de profundo amor filial!

Pobre criança! E pobres paes! Porque ella já não sente e portanto não soffre. Mas os desolados paes, esses que perderam com ella o ultimo dos seus dois queridissimos filhos, soffrem e soffrerão horrivelmente até que o tempo consiga mitigar, que não extinguir, a violencia d'esse soffrimento.

O nosso respeitavel amigo Theophilo Braga conhece-nos, e sabe o affecto que lhe dedicamos e a todos os seus. Portanto avaliará a magoa que nos afflige com a terrivel provação por que está pas-

sando e sua respeitavel esposa, mãe extremosissima para a qual serão inuteis quaesquer palavras de conforto.

Só lhe diremos que o seu grito nos arrancou lagrimas.

Folha do Povo, n.º 2035

(19—3.º—87).

S. CECILIO DE SOUSA.

FALLECIMENTO

O eminente escriptor o sr. dr. Theophilo Braga, acaba de passar por mais uma cruel provação. A morte roubou-lhe uma filha após o mais incessante martyrio de uma terrivel doença.

O nosso collega o *Diario Illustrado* de hontem dá assim a triste noticia:

«Falleceu hontem, ao cabo de prolongados soffrimentos, a filha do sr. dr. Theophilo Braga. Ainda ha dias fallecera um filhinho d'este illustre escriptor. Inclino-nos respeitosos perante esta grande fatalidade que, em golpes successivos, tem

ferido o coração d'aquelle cavalheiro e de sua esposa.

«A pessoa que escreve estas linhas, entrando o verão passado n'um *hotel* de Bellas, viu sentada ao piano uma interessante menina de quinze para dezeseis annos. O seu ar triste, a sua physionomia insinuante, a sua pallidez doentia, a sua melancolia prematura, chamaram a nossa attenção para essa adoravel criança, cujo nome perguntamos.

«Responderam-nos ser filha do sr. dr. Theophilo Braga. No *sopá*, entre outras senhoras, estava sentada a esposa d'aquelle cavalheiro, e o seu olhar amantissimo de mãe fixava-se ternamente na filha adorada, que a doença tinha ferido implacavelmente.

«Impressionou-nos este espectaculo doloroso e, quando já noite cerrada, retiravamos de Bellas, a imagem d'essa encantadora criança que luctava com a morte, não podia afastar-se do nosso espirito.

«Hontem de manhã, soubemos que a filha do sr. dr. Theophilo Braga tinha morrido. Rosa, não vivera mais do que uma manhã,—o tempo que vi-

vem as rosas. Mas tambem é licito chorar as rosas que, ao primeiro raio de sol, se desfolham.»

ALBERTO PIMENTEL.

Á pungente dôr que tanto afflige aquelle distincto homem de letras, curvamo-nos enclaiados no mais sincero pesar.

Damião de Goes, n.º 64 (11 anno)
(20—3.º—87).

Ainda com o coração rasgado por uma das mais cruciantes dôres, que dilaceram um paç amantissimo, o distincto escriptor e professor, .nosso amigo, sr. dr. Theophilo Braga, recebeu novo e mais profundo golpe. Após a morte de um filho, que era o seu enlevo e a sua esperança, cae-lhe no sepulchro a filha, que ficara unica, para lhe minorar as tristezas e enxugar-lhe as lagrimas, que não tinham cessado de correr em fio!

A mallograda filha do dr. Theophilo Braga contava dezeseis annos de idade, e a esta circumstancia, que se torna tão risonha no lar, reunia os encantos de uma intelligencia clara e de um coração nobilissimo.

Comprehendemos bem, em transe tão doloroso, a afflicção de um paç; e tambem sabemos que não

existem, em nenhum vocabulário, frases que sirvam de lenitivo para tamanha ferida.

Só temos agora uma phrase: acompanhamol-o commovidos n'esta afflicção e enviamos-lhe o nosso pezame.

Diario de Noticias, n.º 7605
(19-3.º-87).

MARIA DA GRAÇA BRAGA

Ha muitos paes, que vêem morrer seus filhos; e todos os paes sentem a lacerante dôr d'essa separação, porque todos os paes amam a sua progenie, quândo não seja senão por essa lei natural, que abrange não só a especie humana mas todo o mundo animal.

Ha comtudo casos, circumstancias especiaes e terriveis, em que a violencia do golpe se aggravà até ao ponto de tornar-se incomportavel.

É n'um d'esses casos, n'uma d'essas situações excepcionalmente crueis e esmagadoras, que se encontra o nosso infortunado amigo, o dr. Theophilo Braga.

Por duas vezes, no curto espaço de tres mezes, a mão da desgraça se abateu pesada e implacavel sobre essa familia modelo, e de cada vez os desolados e inconsolaveis paes viram apagar-se uma das estrellas do seu céo, viram extinguir-se um depois do outro, na idade em que a vida desabrocha, os dois filhos em que tinham concentrado todo o seu amor, as duas gentilissimas crianças, que constituam toda a sua esperança, toda a sua alegria.

E que crianças!

Póde bem dizer-se que poucos filhos o são tão completa e exclusivamente de seus paes, como os filhos de Theophilo Braga e de sua esposa. Porque não os tinham só procreado, tinham-lhes formado com disvello assiduo e permanente o corpo e o espirito; tinham cultivado dia a dia aquellas duas delicadas vergontas, tinham assistido momento a momento ao desabrochar d'aquellas intelligencias, revendo-se com extasi—já hoje podiam dizer com orgulho—nos beneficos effeitos d'uma educação que era sua, exclusivamente sua.

Morreu-lhes ha tres mezes o filho na idade de 13 annos, morreu-lhes agora a filha na idade de 16!

Que mais poderemos dizer para aquilatar a

profundeza do abysmo, que taes golpes devem ter aberto nos corações d'esses paes!

Parece que ha por vezes destinos máos, fatalidades cruéis e sarcásticas, que conspiram obscuramente em levantar uma familia aos cumes mais deleitosos e floridos da felicidade mais pura, mais casta, mais legitima, para esmagal-a de um golpe!

Maria da Graça Braga era uma criança verdadeiramente angelica.

Para se fazer ideia do que foi a sua curta vida bastarão uns traços fugitivos da sua prematura morte.

No delirio que precedeu a hora final, e que durou desde as 4 horas da tarde de quinta-feira até ás 6 da madrugada de sexta-feira, tinha curtos momentos lucidos. N'esses momentos a adoravel criança lamentava-se pelo incommodo que dava a seus paes, porque estes durante quarenta noites consecutivas a não abandonaram um só instante. Pedia-lhes docemente que lhe tirassem a grande oppressão que sentia no peito, porque não queria morrer: e não queria—dizia-o ella, a triste e terna moribunda—para não aggravar a dôr de seus paes pela morte recente do irmãozinho! . . .

Mas morreu: todo o seu santo e generoso amor filial não pôde obstar á nova e mais terrivel desgraça!

Vimos de assistir ao seu funeral.

Se aquella dôr cruciante, que n'esta hora afflige os pobres paes, fosse das que podem partilhar-se; se pudesse haver lenitivo para ella na manifestação tristissimamente sympathica, que acaba de dar-lhes a cidade, temos por certo que elles sentiriam penetrar nas trevas da sua desolação esse raio de affecto tão sincero quanto espontaneo.

Não se tratava dos funeraes pomposos de nenhum grande da terra; era uma criança, simplesmente, que se ia ao nada; uma criança adorada de todos os que a conheciam, mas desconhecida de muitos.

E comtudo, — honra seja ao povo portuguez, que sabe amar os que o amam — desde as 10 horas da manhã, na rua em que habita Theophilo Braga,

e nas circumvisinhas, começou a agglomerar-se multidão de povo, em que se viam representadas todas as classes sociaes, e em que era admiravelmente uniforme o aspecto triste e commovido e o nobre sentimento que ali reunia todos.

Ao meio dia começou a desfilar o funebre cortejo, rompendo difficilmente as massas compactas de populares, que com respeitosa compostura, posto que não sem esforço, se retraíam sobre si mesmas para dar-lhe passagem.

Ao carro funebre, que transportava o ataúde, todo coberto de corôas, seguiam-se as alumnas da Escola infantil para os filhos do povo, de que Theophilo é presidente, levando á frente o seu pendão coberto de crepe, e em seguida a estas a associação musical—Alumnos de Apollo—que com suas harmonias funebres e plangentes ainda acerescentava ao aspecto profundamente commovido da multidão.

Seguia-se uma massa confusa e enorme, de cerca de 4:000 pessoas, cuja attitude triste, recolhida, silenciosa, era verdadeiramente imponente.

No cemiterio aguardava o prestito outra multidão não menos numerosa de populares, que não quizeram furtar-se ao dever de manifestar assim a sua veneração e o seu affecto ao mestre e ao amigo do povo.

Debalde tentariamos citar todos os nomes aqui, porque impossivel seria conseguil-o n'aquella agglomeração, em que se confundiam negociantes, industriaes, corpos docentes, quasi todos os alumnos do Curso superior de Letras, operarios, todos os Clubs republicanos de Lisboa e arredores, e representantes dos de fóra, toda a imprensa republicana, e alguma monarchica, partido socialista, etc.

Nomearemos apenas os que de relance podémos fixar, que são os srs.:—Fernando Palha, presidente da camara municipal de Lisboa, e os vereadores Rosa Araujo, Fuschini, dr. Matheus dos Santos, Elias Garcia, dr. Manoel d'Arriaga, Consiglieri Pedroso, dr. Magalhães Lima, e dr. Teixeira de Queiroz; Pinheiro Chagas, Christovão Ayres, dr. Lucas Falcão, Jayme Victor, Lino d'Assumpção, dr. Bettencourt de Sousa, conselheiros Vicira da

Motta e Heredia, S. Brandão, dr. Lopes Monteiro, Alexandre J. Alves, Gomes da Silva, dr. Ferraz de Macedo, Azedo Gneco, Cardoso de Oliveira, Pereira Vianna, engenheiro Pedro d'Avila, Augusto de Figueiredo, Silva Bastos, Sabino de Sousa Junior, Miguel Braga, Xavier da Silva, Teixeira Bastos, dr. Cupertino Ribeiro, Costa Godolphim, Caetano Pinto, Alves Correia, Ernesto Loureiro, Theophilo Ferreira, Silva Graça, Eugenio da Silveira, Victoriano Braga, Gonçalves Villaça, Luiz Henriques Nogueira, Bellarmino Ramos, Eduardo Nunes, Antonio Dias Gonçalves, Sousa Larcher, Perry Vidal, Villarinho, redactor do jornal hespanhol *La Voz Galaica*, Mendes Monteiro, Melicio Junior, Freire d'Andrade, Alfredo Julio de Brito Freire, M. A. Dias Ferreira, Corregedor da Fonseca, Casimiro Freire, Augusto José Vieira, Eça Ramos, Jacintho Fernandes, Malhõa; Pena Monteiro, José Cupertino Ribeiro, Rodrigues de Sousa, Gumersindo de la Rosa, Antonio Perez; Eduardo da Matta Junior, Joaquim Augusto de Oliveira, Coelho da Silva, Casimiro Franco, Verol Junior, Romão de Mattos, Soares Monteiro, Francisco José da Costa, José de Sousa, Mello Junior, Bernardino

Carneiro, Lima Junior, Polydoro José da Ponte, Feio Terenas, D. José de Sousa Coutinho, Alfredo O'Neill, Azevedo e Silva, Jorge de Castro, José e Guilherme Gomes, Silva Lisboa, José Antonio Ferreira, Ceilio Sousa, etc.

. . .

Foi tambem grande o numero de corôas ali depositas sobre o ataúde, de que pela mesma razão não poderemos dar noticia exacta, lembrando-nos apenas das seguintes, offerecidas: pela esposa e sogra do sr. conselheiro Vieira da Motta; pelo *Club Henriques Nogueira*; pelos alumnos do 2.º anno do Curso superior de Lettras; pela *Associação do Livre Pensamento*; pela *Escóla Infantil dos Filhos do Povo*; pelo Centro republicano *15 de Janeiro de 1820*, do Poço do Bispo; pelas filhas de Anselmo de Moães, do Porto, que tambem offerceram uma grande quantidade de lindas camélias para adornarem o carro funebre; pelo sr. José Maria Ribeiro e esposa; pelo sr. Antonio Francisco e D. Gertrudes do Carmo; por Silva Lisboa; pela *Folha do Povo*, e muitas outras.

Entre estas corôas notavam-se as de flôres artificiaes, pelo aprimorado da disposição; as de flôres naturaes, pelo finissimo gosto; e as de *biscuit*, que se distinguiam pela belleza das côres e entrelaçamento artistico. Todas ellas eram adornadas de lindas fitas de seda com dedicatorias douradas umas e bordadas outras.

Citaremos tambem um lindo ramo de flôres oferecido pelo sr. Augusto Costa, um obscuro filho do povo e dedicado admirador de Theophilo.

. . .

À entrada do cemiterio foram convidados a pegar ás borlas do caixão, para o 1.º turno os srs.: Pinheiro Chagas, Fernando Palha, Consiglieri Pedroso, Teixeira de Queiroz, Elias Garcia e Jacintho Fernandes.—Para o 2.º turno os srs.: dr. Magalhães Lima, Augusto Fuschini, Gomes da Silva, Sousa Brandão e Augusto Ribeiro.—Para o 3.º turno os srs.: Teixeira Bastos, Pereira Vianna, José Gomes, Eugenio da Silveira, Pedro Claro e Perry Vidal.—Para o 4.º turno os srs.: Costa Golphim, José Maria Ribeiro, Sousa Larcher, Xa-

vier da Silva, Chrystovão Ayres e Silva Lisboa. Esta disposição teve que ser alterada em parte, em consequencia da grande agglomeração de povo.

Desde a porta do cemiterio até ao jazigo, o caixão foi conduzido pelos alumnos do 2.º anno do Curso superior de Letras.

Chegado o feretro ao jazigo do sr. dr. Lucas Falcão, onde já se acham guardados os restos do outro filhinho do dr. Theophilo, usou da palavra o sr. dr. Manoel d'Arriaga, pronunciando um sentidissimo discurso, que muito sensibilizou o auditorio pela narração entusiastica das virtudes e illustração precoce da gentil criança, e da disvelada e intelligente educação que lhe tinham dado seus paes; e apreciando tambem, com aquella formosa e sentida eloquencia que caracteriza o seu brilhante talento, o grandioso da manifestação e o nobilissimo sentimento que a produziu.

. . .

Toda a idade é boa para se morrer, poderão dizer os philosophos, comtánte que se tenha vivido bem. Mas todos os paes que nos lerem e ainda os

que o não sejam, hão de reconhecer de certo que a perda de dois filhos, nas circumstancias excepcionalmente crueis que tentamos indicar, ainda que ligeira e imperfeitamente como nol-o impõe a brevidade d'uma noticia, é para os paes não sómente uma desgraça, uma dôr incomparavel, mas uma verdadeira mutilação.

Muitos sossobriariam no desastre, para o qual não ha nem pôde haver consolações extranhas.

Ainda bem que Theophilo Braga, e tambem sua esposa, são espíritos especialmente dotados da illustração e fortaleza necessarias para se rcerguerem do duplo golpe que acaba de fulminal-os.

Elle, cuja vida é tão cheia, tão completa, no sentido philosophico da palavra, achará força e conformidade na consciencia, que lhe dirá por sem duvida, que se um homem se reproduz com orgulho nos filhos do seu amor, tambem se reproduz com gloria nos serviços prestados ao seu paiz e á humanidade; que se um homem se deve todo á sua progenitura natural ou espiritual, a falta d'aquella é por esta que pôde e deve ser compensada.

E ella, a esposa amantissima, a digna companheira de um sabio, ha de encontrar por certo

na superior cultura do seu espirito, nos thesouros de dedicação do seu coração de esposa e mãe, a ternura necessaria para amparal-o no durissimo transe, e para suffocar os proprios soluços na heroica abnegação de restituir-lhe a coragem de que carecem.

Não profanemos nós com banaes consolações os primeiros e amarissimos momentos do seu luto.

Folha do Povo, n.º 2037
(22-3-87).

O ENTERRO DA FILHA

DO SR.

THEOPHILO BRAGA

Hontem, cerca do meio dia, sahi da casa do sr. dr. Theophilo Braga o prestito funebre, que ia acompanhar ao cemiterio occidental os restos mortaes da filha do illustre escriptor. Era enorme, e n'elle figuravam um grande numero de amigos pessoas e politicos do sr. Theophilo Braga, muitos dos seus collegas na camara municipal, entre elles os srs. Fernando Palha, Teixeira de Queiroz, Fuschini, Matheus dos Santos, Rosa Araujo, etc., etc., lentes do Curso superior de Lettras como os srs. Consiglieri Pedroso e Pinheiro Chagas, etc.

O enterro foi civil, e era dirigido pelo sr. Cecilio, redactor da *Folha do Povo*.

Sobre o caixão da graciosa criança, ultima esperança de seus desolados paes, que assim lhes fugiu para ir juntar-se na fria terra ao cadaver do irmão, viam-se um grande numero de corôas, quasi todas de rosas brancas, muitas de violetas, entre ellas uma que offerciam os alumnos do Curso superior de Lettras, outra que fôra remetida do Porto pelas filhas do sr. Anselmo de Moraes.

Atraz do caixão, que ia no carro funerario, seguiam, precedidas pela sua bandeira, as crianças de um collegio de meninas, de cuja direcção é, segundo cremos, presidente o sr. Theophilo Braga.

Uma banda de musica fazia parte do prestito que desfilou a pé seguindo pela rua de S. Miguel para o cemiterio, onde o caixão foi levado á mão até ao jazigo, pegando nas argolas os alumnos do Curso superior de Lettras, que assim quizeram nobremente prestar uma delicada homenagem de sympathia ao seu illustre professor.

Não póde reproduzir-se a desolação immensa que reinava n'aquella casa mortuaria. Ninguem deixava de sentir como que um sagrado terror ao pensar na sinistra imagem do Desamparo que ia

sentar-se n'essa noite, pela primeira vez, á meza da familia, no logar que tinham deixado successivamente vasio as duas adoradas crianças.

Theophilo Braga, com o rosto banhado de lagrimas, convulso e afflicto, recebia comtudo as pessoas que vinham deixar o seu nome, ninguem havia que não passasse com uma especie de respeito supersticioso por diante d'esse pensador, d'esse homem cujo espirito era todo consagrado ao estudo, cujo coração todo consagrado á familia, agora como que fulminado pela cega fatalidade antiga, que de subito sentára no seu lar vasio o tragico desespero.

Correio da Manhã, n.º 699 (1v anno)
(21—3—87).

PINHEIRO CHAGAS.

[The text in this block is extremely faint and illegible. It appears to be a large rectangular area containing several paragraphs of text, possibly a list or a detailed report. The content is not discernible.]

D. MARIA DA GRAÇA BRAGA

Eu nunca vi a graciosa filha de Theophilo Braga; tinha-a, comtudo, adivinhado. Devia ser como a descrevera a admiração dos amigos mais intimos do illustre professor: uma mulher representando o mais bello producto da phantasia e da realidade—o anjo e a criança. Anjo, porque tem a candura e a transparencia do seu vulto franzininho, os mysticos personagens das telas sagradas; criança, porque tinha no coração um manancial de caricias, nos labios sorrisos mais esperançosos e no olhar a luz vivissima do seu entendimento. Tinha 16 annos! Estava, portanto, entre aquelles dous crepusculos, a que Hugo alludiu nos vãos es-

plendidos da sua phrase—o da infancia que termina—e o da adolescencia que começa.

Ser criança e ter talento é um phenomeno que assusta—é uma accumulção de trabalho que extenua. Na idade propria para amar e crêr, pensar tambem é formar os raciocinios ao lado dos affectos—no coração. Veiu a catastrophe. . .

Agora já não poderei vê-la!

. . .

Estavam no meu caso os milhares de pessoas que hoje lhe acompanharam o feretro ao cemiterio dos Prazeres: nunca a tinham visto! Os olhares d'essa multidão, fixos e humedecidos, pareciam querer atravessar as taboas enfeitadas do pequeno esquite, mas defendia-o da curiosa piedade de tanta gente, um amplo docel de *rosas*, as mais bellas, e de *saudades*, as mais tristes.

. . .

Foi curto o trajecto, dous passos apenas. Da rua de S. Luiz ao cemiterio dos Prazeres ha uma

avenida a percorrer. É tão perto da alcova da agonia o jazigo do repouso, que nem tempo houve para enxugar, antes da chegada, as lagrimas da partida; e a marcha funebre que dava ao passo da turba a cadencia regular e tristonha, marcava os ultimos compassos no portal do grande jardim...

• •

Era meio dia: o sol devia achar-se então no zenith... Estava sim, mas de luto. No firmamento carregado, sombrio, lacrimoso até, a alma do pobre pae parecia reflectir-se!

No cemiterio a ventania insolita vergava o arvoredo e arrastava para longe a palavra dolorida dos oradores... A natureza parecia ter remorsos...

.....
tem garras a Providencia, rouba-me os filhos

• •

Teve muitas flores o enterro da pobre criança!
O seu coche funebre parecia um carro de trium-

pho—os jardins e a arte tinham-no ornado das mais vistosas capellas de rosas, violetas e lilazes! Em farchas de seda e ouro appareciam inscriptas as oblações saudosas de muitos corações. De perto, e como que a formar a cauda d'aquelle manto de flores, longa esteira de crianças apresentava o mais notavel matiz! Eram festivas as vestes das criancinhas que sustinham nas mãos, ou prendiam ao peito, as camélias do norte. Nas mãos callosas dos populares e na *lapella* dos fraks mais correctos, aquelle delicado emblema imprimia no prestito o cunho d'uma homenagem tão sincera e bizarra, quanto gentil e cavalheirosa.

. . .

A mocidade parece viver mesmo depois de morta. Tantas galas primaveraes chegaram a illudir a minha phantasia. . . A sympathica doente sahira a passeio; sahira do pequeno cemiterio da rua de S. Luiz para o mundo immenso da Eternidade! Ali deixava ella na sepultura da saudade os corações dos seus paes.

E, como eu, toda a gente se illudira, pois que

não raros, ao fitarem o caixão que iam seguindo, murmuravam compadecidos—pobre Theophilo!

Assim diriam tambem se fôra elle, e não a filha que tivesse cahido na lucta.

. . .

Quando cheguei a casa de Theophilo Braga, inscrevi o meu nome na salinha do *rez-de-chaussée*—e vim envolver-me nos grupos que se disputam para a partida. Theophilo estava no primeiro andar, e ali era abraçado pelos seus amigos.

Eu não fui até lá... Faltavam-me as forças... Quando se abraça um desgraçado, que em trez mezes perde dous filhos, de que cra amantissimo, se lhe comprehendemos a dôr, temos obrigação... de o csmagar... com esse abraço.

Folha Nova—Porto.

GOMES DA SILVA.

O FUNERAL DA FILHA

DE

THEOPHILO BRAGA

Lisboa, 21:

Esteve imponente o funeral da filha de Theophilo Braga. Assistiram cerca de tres mil pessoas, vendo-se entre ellas muitas das mais gradas da capital.

O enterro foi civil. O carro mortuario ia ornado de corôas: das filhas do sr. Anselmo de Moraes, da familia do sr. Vieira da Motta, da redacção da *Folha do Povo*, dos alumnos do 2.º anno do Curso superior de Lettras, do club Henriques Nogueira, da Escola Livre Pensamento, e muitas

outras. Quasi todas essas picdosas oblatas da saudade eram de rosas brancas. Atraz da berlinda seguiam, com a sua bandeira coberta de fumo, as alumnas da Escola Infantil dos Filhos do Povo, e logo depois a philarmonica do Campo de Ourique.

O sahimento desenrolava-se pelas ruas da cidade, pesado e doloroso. É que todos comprehendiam a dôr profunda, a mágoa dilacerante, o desespero tragico, em cujas garras, implacaveis e assassinas, se estorciam, em angustias, os corações dos desgraçados paes! Uma unica filha! Um lar penetrado de sol e de perfumes! E essa filha morta! E esse lar cheio de sombras e de lagrimas!

No cemiterio dos Prazeres orou o sr. dr. Manoel d'Arriaga. O orador a custo se arrastou até lá, porque, querendo dar o derradeiro beijo na defunta, querendo tocar, pela ultima vez, essa flôr, de que talvez Deos precisasse para as suas rosas da primavera, foi ferido pela tampa do caixão de chumbo que lhe cahiu sobre uma perna.

Momentos antes do feretro sahir de casa, chegou do Porto, de um intimo amigo do desolado pae, um caixão de camelias, algumas das quaes cahiram sobre a morta como beijos enviados pelas

filhas d'esse extremo e dedicado amigo que soube prestar a mais poetica homenagem á mais delicada e casta criança que jámais illuminou e perfumou um lar!

A Actualidade, n.º 68 (xiv anno)
(22—3.º—87).



Na vespera do dia em que entrava na vida o principe da Beira, enterrava-se no cemiterio dos Prazeres uma filha do nosso eminente escriptor, o sr. dr. Theophilo Braga, um dos mais importantes membros do partido republicano em Portugal.

A desgraça fulminou n'estes ultimos tempos, com uma singular predilecção, este escriptor illustre. Em tres mezes perdeu os seus dous filhos e com elles a alegria e o gosto pelas cousas da vida.

Não ha dor mais vehemente, mais profunda e que mais dilacere tambem a alma dos que assistem á vibração repetida d'esses golpes.

O enterro da filha do sr. Theophilo Braga foi um enterro civil. Devo confessar que não gosto. Percebo perfeitamente que enterre cada qual os seus mortos segundo as suas crenças ou a sua des-

crença, mas o enterro civil entre nós tem um sabor de protesto, de manifestação, e da mesma forma que acho odiosa a intervenção das cerimoniaes officiaes na festa domestica do nascimento de uma criança, não acho menos cruel a entrada da politica n'uma casa mortuaria, onde cahem sobre um caixão recentemente fechado as lagrimas de uma mãe.

Mas não acham doloroso este contraste que faz com que morra n'um dia a filha de um dos chefes republicanos e que nasça no outro o filho do herdeiro da monarchia?

N'uma e n'outra cerimonia veiu a politica profanar o que ha de sagrado e de sublime n'essas alegrias e n'essas dores; n'uma e n'outra cerimonia a politica infame entrou n'um santuario e maculou as dores e santos sentimentos que abriam ao jubilo intenso e á dor suprema o coração de duas mães.

Ah! mas se, sacudindo as pressões officiaes e as pressões partidarias, a princeza Amelia e a mulher de Theophilo Braga podessem levar, uma ao bap-

sado e a outra ao enterro, os seus filhos, como essas duas almas se comprehenderiam, como se trocariam entre esses dous espiritos, tão profundamente separados pelas barreiras sociaes e politicas, uma saudação sympathica. E, pensando isto, lembra-me aquelle soncto de Josephin Soularý, em que se encontram na igreja o enterro de uma criança e o baptisado de outra. E então a mãe que entra triumphal, risonha, com o seu filhinho ao collo, solta, ao ver o morto, uma torrente de lagrimas, e a outra

La mère tout en pleurs sourit au nouveau-né.

O *Pai*, Rio de Janeiro, n.º 926
(19-4.º-87).

PINHEIRO CHAGAS.

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

1878

1879

1880

1881

1882

1883

1884

1885

1886

1887

1888

1889

1890

1891

1892

1893

1894

1895

1896

1897

1898

1899

1900

LAGRIMAS DE DESESPERAÇÃO

Foi ha tres mezes, na manhã de 18 de março, e parece-nos que foi hoje, por tal fórma temos gravada no espirito a lamentosissima desgraça! Foi ha tres mezes que se extinguiu para sempre aquella adoravel criança que se chamava Maria da Graça Xavier Braga, que se apagou ao sopro gelido da morte aquelle rutilante espirito em que sómente desabrocharam pensamentos de respeitosa meiguice e de profundo amor para seus paes, e de inefavel encanto para quantos tiveram a ventura de lhe admirarem a lucidez e o claro raciocinio, ventura que se transformou em acerbo pesar desde tão nefasto dia!

Fôra lancinante e dolorosissimo o golpe que haviam soffrido com a perda de seu filho o nosso

mestre e amigo dr. Theophilo Braga e sua respeitavel esposa; a morte do nosso juvenil amigo deixara no coração de seus extremosos paes um vacuo enorme que nem as lagrimas poderão jámais preencher; restava-lhes, porém, a filhinha querida, que lhes era lenitivo para a sua justissima dôr. Desgraçadamente, tres mezes decorridos após o primeiro golpe, Maria da Graça seguia no caminho da morte a seu irmão e companheiro de brinquedos infantis; e com a extincção da sua vida preciosa transformou-se em trevas de luto a alegria d'aquelle modelo dos lares!

O que foi a morte das duas gentilissimas crianças para aquelles extremosissimos paes, só pôde avalial-o quem tem a honra de ser recebido na intimidade do illustre professor. São d'aquellas dôres que não se podem descrever, que não admittem palavras de consolação, e que nem mesmo podem ser compartilhadas na sua cruciante intensidade de recordações inextinguiveis, de soffrimentos que cousa alguma pôde suavisar, porque são as lagrimas da desesperança dos paes que viram desaparecer um após outro os dois filhinhos que eram a luz de seus olhos, o brilho do seu lar, a alma da

sua vida, flôres mortas em botão ao desabrochar da existencia!

E que flôres! E que crianças aquellas!

«Não pertenciam a este mundo!» Esta phrase com que o nosso povo na sua simples linguagem pretende justificar a morte de um ente querido e bom, ainda hontem a ouvimos a uma pobre serviçal que conheceu de perto os dois filhinhos do dr. Theophilo Braga. Aquella phrase é eloquente na sua simplicidade.

Foi ha tres mezes, e parece-nos que foi hoje! . . .

O que nós não podemos expressar sobre a dupla desgraça que hoje rememoramos, dil-o eloquentemente a seguinte carta com que o nosso mestre e amigo dr. Th. Braga agradeceu a mensagem de sentimento que lhe enviaram os seus patricios republicanos de Ponta Delgada, carta que alguns jornaes reproduziram com erros, ora emendados:

«*Ex.^{mo} amigo e patricio sr. Manoel de Medeiros Canto.* — Quando recebi a piedosa homenagem de sentimento com que o Centro republicano fede-

ral de Ponta Delgada se dignou acompanhar-me na perda de meu filho, eu ainda não tinha cahido em miseria total; restava a Maria da Graça, uma criança de dezeseis annos, que tendo consciencia da sua missão consoladora, calava consigo a tristeza da morte de seu irmão e companheiro de brinqueado e de estudo, para não affligir os paes. E esta mesma criança, este organismo delicado de mulher, que tão cedo começava a viver para os outros, e que durante a sua curta doença estava sempre pedindo desculpa do trabalho que dava, apagou-se também como uma luz intensa que se consummia rapidamente. Matava-a a intelligencia, a precocidade mental, a vivacidade do espirito, produzindo um desequilibrio no organismo que não a deixou entrar em puberdade e desabrochar como mulher. Eu via de longe este desequilibrio, e temeroso evitei toda a cultura systematica d'aquelle espirito que se precipitava para a luz; a criança attingia por si esse estado tão bem definido por Molière, a *clarté de tout*. A sua morte é para a minha situação domestica o que a lenda evangelica chama solidade. Com a morte do filho perdi a esperanza de apresentar á sociedade um homem prestante,

com o qual faria o que se conta de um rei que, ao afogar-se em um rio na retirada de uma derrota, atirara a sua corôa para a margem distante, dizendo: «Aonde eu não posso ir, vae a minha corôa.» Com a morte de minha filha perdi a principal causa do meu aperfeiçoamento moral, perdi a consciencia que me havia de julgar com mais conhecimento e justiça. Não são sómente as ideias e os interesses que nos ligam; a base de toda a concordia social assenta sobre os impulsos affectivos. Por isso a homenagem de pesar que o Centro republicano federal de Ponta Delgada dirige ao seu correligionario e patricio compartilhando da dôr privada, é a prova clara de que ha ahí um sentimento que combate pela liberdade, e que se liga intimamente pela fraternidade. Escrevendo-vos, querido patricio, sob a minha desolação profunda, peço-vos o favor de tornar patentes diante de tão respeitavel collectividade politica os testemunhos de uma gratidão sem limites de quem se assigna, correligionario convicto e leal — *Th. Braga.*»

Folha do Povo, n.º 2113

(19-6.º-87).



A THEOPHILO BRAGA

Ha tres mezes havia ainda a ventura no teu lar.
É da patria a grande gloria do teu nome.

Para o coração tinhas a grande gloria do amor,
tinhas em dois filhos quanto em goso nos pôde of-
ferecer a vida.

Um após outro, no breve espaço de tres mezes,
os entrajaste com as funcbres galas da morte e nos
ultimos e apaixonados beijos lhes deste o adeus
eterno!

Estreita-nos a maior amizade desde os teus pri-
meiros annos. Eu nunca vi aquelles queridós en-
levos do teu coração, mas sei que me conheciam e
me estimavam como que se tivessem medrado em
convivio íntimo commigo.

Assim lhes transmittias os dogmas da religião
do amor de que o teu lar é templo agusto.

Eram tambem filhos da minha alma, os adora-
dos filhos que perdeste!

Choro por elles, e choro por ti e por tua santa
esposa.

Nunca mais, para os dois, os doces sorrisos da
vida! Sempre as trevas crueis das pungentes sau-
dades!

Horriavel desolação!

Um abraço com toda a vehemencia da dôr e da
amizade.

A Persuação, n.º 1315 (xxvi anno)
(30—3.º—87).

F. M. SUPICO.

Ainda não ha muitos dias que Guerra Junqueiro, referindo-se ao prodigioso talento de Camillo Castello Branco, nos dizia:

—O soneto que elle dedicou a Theophilo Braga, na occasião em que morreram os dois filhos d'este poeta, é uma verdadeira obra prima! Na poesia portugueza devem ficar tres sonetos, o de Camões:

Alma minha gentil que te partiste

o de João de Deus:

Foi-se-me pouco a pouco amortecendo

e o soneto de Camillo Castello Branco.

Esse soneto é realmente admiravel de sentimento e perfeitissimo na fórma.

Novidades, n.º 1230 (14 anno)
(20—4.º—88).

1870

1. The first part of the book is devoted to a general history of the subject, and to a description of the various forms of the disease, and of the different methods of treatment which have been proposed.

2. The second part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

3. The third part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

4. The fourth part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

5. The fifth part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

6. The sixth part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

7. The seventh part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

8. The eighth part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

9. The ninth part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

10. The tenth part is devoted to a description of the various forms of the disease, and to a description of the different methods of treatment which have been proposed.

INDICE

COROA DE SAUDADES

| | |
|--|----|
| CAMILLO C. BRANCO—Carta a João de Deus. | 7 |
| —A maior dor humana..... | 9 |
| BULHÃO PATO—Carta a João de Deus..... | 11 |
| —Elle e Ella..... | 13 |
| JOÃO DE DEUS—A Th. Braga e sua Esposa para epitaphio dos seus filhos..... | 15 |
| —Primeiro leite—Na morte do Theophili- no..... | 17 |
| GOMES LEAL—Poesia da morta..... | 21 |
| LUIZ GUIMARÃES—No campo santo..... | 27 |
| —O esquife..... | 29 |
| CANDIDO DE FIGUEIREDO—Transformismo... .. | 31 |
| FERNANDO LEAL—Á morte dos filhos de Th. Braga..... | 35 |

| | |
|---|----|
| CHRISTOVAM AYRES—Á morte dos dois filhos | 37 |
| TEIXEIRA BASTOS—Os filhos de Th. Braga.. | 39 |
| JOÃO DINIZ—Os Filhos..... | 41 |
| COELHO DE CARVALHO—Nova Revelação.... | 43 |
| NARCISO DE LACERDA—Diante de uma des- graça | 45 |
| CYRILLO MACHADO—Pano vermelho.. .. | 47 |
| ALVARO DE CASTELLÕES—Et rose..... | 49 |
| JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO—Parabola da an- gustia..... | 51 |
| HENRIQUE L. DE MENDONÇA—Stabat Mater. | 53 |
| MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO—Ao emi- nente escriptor Th. Braga e sua Esposa. | 55 |
| A. DE AZEVEDO C. BRANCO—A Th. Braga.. | 57 |
| ALBERTO TELLES—Não te lamentam sós.... | 59 |
| JOAQUIM DE ARAUJO—Duas crianças mortas. | 61 |
| FERNANDES COSTA—Carta a Fernando Leal. —A Theophilo Braga..... | 65 |
| A. VIDAL—Pesames..... | 67 |
| ALBERTO BRAMÃO—In dolore..... | 69 |
| CARLOS M. SILVA—Pac?..... | 71 |
| ALBERTINA PARAIZO—A uma criança morta. | 73 |
| ALICE MODERNO—A Theophilo Braga | 75 |
| FILINTO D'ALMEIDA—Na morte d'uma criança | 77 |

| | |
|---|----------|
| J. I. D'ARAÚJO—Na morte dos filhos de Th. Braga..... | 79 |
| ALFREDO GALLIS—Mater dolorosa..... | 81 |
| MANOEL AUGUSTO D'AMARAL—Mysticismo... —Elegia..... | 82 85 |
| M. JOAQUIM DIAS—Lacrima rerum..... | 87 |
| A. C. DE FARIA E MAIA—Epicedio..... | 89 |
| EUGENIO MONIZ—Solatio..... | 91 |
| M. PEREIRA DE LACERDA—Dor sem igual... | 95 |
| ERNESTO REBELLO—A Theophilo Braga | 97 |
| JOÃO H. C. DE AMARANTE—Tributo dolo- roso | 99 |
| ALFREDO AVELLAR—Ao dr. Th. Braga..... | 101 |
| ALFREDO DE M. PINTO—Sit terra levis..... | 103 |

MANIFESTAÇÃO DA IMPRENSA

I—THEOPHILO BRAGA, FILHO

| | |
|--|-----|
| <i>Folha do Povo</i> (Cecilio de Sousa)..... | 107 |
| <i>O Seculo</i> | 109 |
| <i>Folha do Povo</i> (Cecilio de Sousa)..... | 111 |
| <i>Novo Diario dos Açores</i> (Armando da Silva) | 115 |
| <i>Diario de Noticias</i> (Julio Cesar Machado)... | 116 |

II — MARIA DA GRAÇA BRAGA

| | |
|---|-----|
| <i>Folha do Povo</i> (Cecilio de Sousa)..... | 119 |
| <i>Diário Illustrado</i> (Alberto Pimentel)..... | 123 |
| <i>Damião de Goes</i> | 125 |
| <i>Diário de Noticias</i> | 127 |
| <i>Folha do Povo</i> | 129 |
| <i>Correio da Manhã</i> (Pinheiro Chagas)..... | 141 |
| <i>Folha Nova</i> (Gomes da Silva)..... | 145 |
| <i>Actualidade</i> (Correspondente de Lisboa).... | 151 |
| <i>O Paiz</i> , do Rio de Janeiro (Pinheiro Chagas) | 155 |
| <i>Folha do Povo</i> (Cecilio de Sousa)..... | 159 |
| <i>A Persuação</i> (F. M. Supico):..... | 165 |
| <i>Novidades</i> (Guerra Juhqueiro)..... | 167 |

